

**CAMILLO SITTE : UM PRECURSOR DOS ESTUDOS
DE PERCEPÇÃO ESPACIAL? ***

Anete Araújo **

Incluído entre os urbanistas, na classificação de F. Choay, e entre os precursores dos urbanistas, na de F. Ramon, o arquiteto Camillo Sitte, cuja obra Der Stadtebau, embora não tenha inspirado o urbanismo na Áustria, seu país de origem, exerceu grande influência na concepção das cidades-jardins inglesas e no urbanismo culturalista saxão, no que diz respeito às suas preocupações quanto aos aspectos visuais dos espaços e edificações nas cidades. Embora desenvolva uma abordagem estética da cidade, dentro de uma visão despolitizada, e proponha a maior apropriação possível dos modelos antigos para o desenho urbano - num urbanismo nostálgico portanto - podemos salientar alguns pontos no pensamento de Camillo Sitte que, se analisados dentro do conteúdo do objeto de estudo das escolas de análise da percepção, nos parecerão bastante atuais, não bastasse sua preocupação com o progressivo desaparecimento da vida social nos espaços abertos

* O presente texto faz parte de um trabalho apresentado para creditação na disciplina "Evolução da Teoria Urbanística", ministrada pelo Prof. Antônio Heliódório L. Sampaio no Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, intitulado "Percepção do Espaço Urbano-um estudo", do qual participaram também as mestrandas Solange Araújo e Iris Salles.

** Mestranda em Arquitetura e Urbanismo e Professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

da cidade, fato que hoje consideramos tão crucial. Sem intenção de questionar as válidas observações feitas por F.Choay quanto ao apego de Sitte exclusivamente aos meios de assegurar particularidade e variedade ao espaço interior da cidade, mas, ao contrário, partindo da sua própria observação sobre a substituição que o urbanista faz da análise tipológica pela análise relacional, valorizando os locais de passagem e de encontro, as praças e as ruas, é que identificamos na obra do arquiteto viense, pontos de partida para algumas das idéias dos analistas das características visuais dos espaços urbanos e de como nós os percebemos. A observação que E. Kolsdorf atribui a Trieb (1974) é, aliás, categórica quanto ao reconhecimento de Camillo Sitte como precursor de metas não materiais na prática do desenho de espaços urbanos (KOLSDORF, 1980, pp 36).

Assim, mesmo com base na consciência da irreduzível diferença entre "percepção estética" e percepção da cidade", não nos parece completamente correto identificar o pensamento de Sitte como baseado exclusivamente na questão estética, mas também como expressão da sua percepção pessoal dos espaços urbanos.

Na busca de aperfeiçoamento dos lay-outs urbanos assimilados pelos seus contemporâneos, que não conseguia aceitar, Camillo Sitte examinou apaixonadamente os espaços urbanos atraentes do passado, procurando extrair deles os princípios abstratos dos quais teria resultado a base do seu sucesso. Uma vez que esses princípios fossem compreendidos -ele

acreditava - poderiam então ser aplicados novamente, resultando portanto em produtos igualmente admiráveis (SITTE, 1945).

As qualidades que Sitte buscava eram espaciais. As tendências em direção a resultados semelhantes, desenvolvidas por outros teóricos até então, eram limitadas a espaços arquitetônicos cobertos. Ele não estava interessado no ecletismo dos espaços urbanos, como os demais teóricos, mas em sublinhar qualidades válidas em todos os tempos. Seus estudos de espaços abertos vão desde a ágora grega ao espaço barroco francês, e em todos os exemplos considerados ele conseguiu demonstrar a coerência dos princípios utilizados.

Sitte, contudo, não afirmou a existência de uma "idéia de espaço" consciente e não foi além de enumerar alguns princípios derivados daqueles espaços que ele sentiu serem exemplares.

Entre esses princípios, o mais importante e sempre presente nos espaços analisados por ele, foi o de "enclausuramento". Reconhecendo que por necessidades sócio-econômicas, a praça enclausurada da antiguidade e do período medieval tinha de ser substituída pelos mercados fechados mais confortáveis do século XIX, ele denunciava enfaticamente que, no exterior, os espaços eram basicamente utilizados para o tráfego sendo este, aliás, o principal conflito que Sitte não pôde resolver:

"... esses sistemas (radial, retangular) cumprem apenas a estandarização da área urbana. São puramente mecânicos em concepção. Reduzem a malha ur

banana em mera utilidade para o tráfego, nunca servindo aos propósitos de arte. Eles não transmitem nenhum apelo ao sentido da percepção e suas características só são visualizadas através do desenho" (SITTE, 1945, pp 59).

Seu desejo por espaços enclausurados contínuos num todo espacial impedia precisamente o tráfego motorizado, uma realidade contemporânea inegável da cidade moderna.

Mas é injusto criticar Sitte sob este aspecto pragmático. Poder-se-ia limitar a sua contribuição para necessidades mais sutis de tráfego para pedestres. Nesse âmbito ele revelou maestria em suas observações, enfatizando o efeito do não paralelismo de movimento e linha de visão, de interrupção axial, de superposição visual, de escala e proporção, da relação da altura e largura e a possibilidade de sequência rítmica de espaços no interior urbano (SITTE, 1945).

Sitte rejeitou o uso de esculturas como elemento de dominação nos espaços urbanos; o efeito do espaço circundando a massa escultória resultaria na destruição da unidade do mesmo. Assim, o centro das praças deveria ser livre e os monumentos localizados próximos às paredes que os rodeiam. Sua grande paixão era a massa (edificações) circundando o espaço e formando um todo contínuo (SITTE, 1945).

Sitte considerava o desenho urbano como "a arte do espaço", uma arte que não possuía valores absolutos. Ao contrário, toda percepção do espaço depen

dia da relação do tamanho e forma, "porque na arte do espaço, as relações comparativas são importantes, a dimensão absoluta, ao contrário, é insignificante" (SITTE, 1945, pp 55).

Muitos críticos de Sitte, especialmente Brinckmann e mais tarde Le Corbusier, recharçaram-no por sua admiração por espaços assimétricos e ruas curvas e estreitas, que estabeleciam a qualidade pitoresca da paisagem urbana (VAN DE VEN, 1977). Mas essa admiração poderia ter um significado mais profundo, como a tentativa de idealizar em conceitos arquitetônicos os esquemas que ele observava na natureza, tão em moda no pensamento dos seus sucessores. Aqui existe uma semelhança com as "Sete lâmpadas da arquitetura", de J. Ruskin, ou ainda uma influência mais marcante ainda de Darwin, por quem Sitte tinha uma admiração sincera. As irregularidades das estruturas urbanas antigas são resultado do seu desenvolvimento gradual, dizia Sitte. Elas se desenvolveram in natura. Esta percepção parece similar àquela que Darwin observou como mutação, o princípio de adaptação gradual, devido à luta contínua em direção a uma perfeita integração do indivíduo com seu meio ambiente. Atualmente este princípio tem merecido um novo e acentuado interesse por parte de alguns teóricos, estudiosos dos espaços urbanos (VAN DE VEN, 1977).

Sitte também chamou atenção para um problema mental, o medo dos espaços abertos e amplos que foi descoberto em 1871, e denominado "agorafobia". Esta descoberta reforçou seu interesse por espaços urbanos "enclausurados" e seu desprezo por vistas

ininterruptas. Sitte encontra apoio nas palavras de Camille Martin, que acrescentou um capítulo na versão francesa de Der Stadtebau: o espaço ideal deve formar uma unidade completamente fechada. Quanto mais a nossa impressão esteja confinada dentro dela, mais perfeito será o seu tableau: nos sentimos confortáveis em um espaço onde o olhar não se perde no infinito (VAN DE VEN, 1977). Contudo, se Sitte e Martin eram realmente objetivos na sua busca de qualidades espaciais em evidências históricas, essa busca pode ter sido guiada por preferências subjetivas e nostálgicas, pois não são igualmente necessárias as alegrias e emoções causadas pela vista desimpedida em direção ao infinito? Destas duas atitudes opostas derivam dois sentimentos significativos para o espaço delineado nas criações arquitetônicas; a preferência, por uma ou por outra, tem causado sérias discussões. Elas se tornaram as bases de duas doutrinas opostas.

Naturalmente, as circunstâncias histórico-culturais causaram uma diferença formal, por exemplo, na malha urbana espalhada na América, em contraste com o crescimento orgânico europeu confinado em padrões curvilíneos, ou nos eixos Haussmanianos direcionados para o infinito em contraste com os labirintos da cidade medieval.

Mas porque se prefere um conceito em detrimento do outro? Poderia a psicanálise freudiana ser útil aqui? O esclarecimento do super ego individual, representando valores morais, como consequência de seus desejos instintivos para espaços livres ou enclausurados poderia ser uma explicação. Ao lado

das urgências mais íntimas, os elementos do hábito (costumes) e a experiência familiar também podemos estar envolvidos. Cada indivíduo é em maior ou menor grau claustrofóbico ou agorafóbico, tendências que vão refletir na sua preferência por qualidades espaciais que equilibrem essa ansiedade. Certos instintos fazem-nos sentir bem em concavidades seguras, "embriônicas", outros nos arrastarão irresistivelmente para horizontes distantes, como a atração exercida pelo mar aberto.

Outra crítica constante de Sitte é à monotonia das cidades projetadas em tabuleiro de xadrez, onde o observador diante de espaços que se revelam sem segredos, não mantem o diálogo rico de conteúdos com o ambiente urbano, contrariamente ao traçado irregular, preñado de estímulos visuais.

O conteúdo das idéias de Sitte, numa época em que não havia se desenvolvido a psicologia, nem o conhecimento de como funciona o próprio processo perceptivo no ser humano, naturalmente não revela nenhuma sistematização científica, mas suas inúmeras referências digamos, intuitivas, são ainda pertinentes a nível de leitura e interpretação dos espaços nas cidades. Assim, vejamos:

"... Uma via rural que, sem nenhuma curva se estende por milhas, aborrece o viajante, por mais interessante que seja o seu entorno. Sua inflexível direção, em contraste com a natureza, corta rigidamente os contornos da paisagem. Sua monotonia impele-nos a atravessá-la tão rápido

quanto possível. A rua linear e longa, na área urbana, tem o mesmo efeito. Se, porém, uma rua pouco extensa nos aborrece, nós devemos procurar outras explicações para esse defeito" (SITTE, 1945, pp 55).

"... Contornando a "Kongsplatz" em Kassel (praça circular com ruas radiais) o observador vê sempre a mesma vista diante de seus olhos, de modo que ele nunca sabe exatamente onde se encontra. Uma simples volta é bastante para causar um estranho e desconcertante sentimento de estar perdido"... (SITTE, 1945, pp 64).

Outro aspecto interessante no trabalho de Camillo Sitte é a observação do sentido ativo de participação da comunidade medieval na construção das suas cidades, com "todos inconscientemente seguindo a tradição artística da época, e esta era tão segura, que tudo resultava bem" (SITTE, 1945, pp 10). Nesse ponto, ele enfatiza o contraste entre os que constroem sobre o sítio, e aqueles que mudam o fluxo da natureza na "esterilidade simétrica", composto com a régua e o esquadro na mesa de trabalho.

Na impossibilidade de usar métodos semelhantes de participação do leigo no processo de construção das cidades na sua época, Sitte sugere que fossem construídas maquetes, antes de qualquer intervenção urbana, para que a população pudesse também manifestar sua opinião.

Não obstante os momentos de contribuição específica,

de um modo geral, o pensamento de Sitte revela in genuidade, mas discordamos que a sua obra se limite apenas a preocupações ligadas aos aspectos his tóricos e arqueológicos, como afirmam Choay e Ra mon. Contudo, concordamos que Sitte não conside - rou as especificidades de sua época, ignorando com pletamente a evolução das condições de trabalho e os problemas de circulação. Na realidade, dos ur banistas analisados por F. Choay - C. Sitte, E. Howard e R. Unwin - os quais colocaram princípios semelhantes de originalidade e variabilidade como importantes dados na modelação dos espaços urbanos, apenas Unwin se preocupa com a contradição entre história e originalidade histórica do presente, ten tando conciliar o modelo culturalista com as exi - gências de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOAY, F. - "Urbanismo, Utopias e Realidades". São Paulo. Ed. Perspectiva. 1979.
- KOHLSDORF, M.E. - "Breve Histórico do Espaço Urbano como Disciplina". Brasília, UnB.
- LINCH, K. - "La Imagen de la Ciudad". Bueno Ayres. 1974.
- SITTE, C. - "The Art of Building Cities". New York. Reinhold Publishing Corporation. 1945.
- VEN, C. Van De. - "Space" In A.A. Quartely vol. 9. London. 1977.

RESUMO

O texto tece considerações em torno do ideário de Camillo Sitte, arquiteto e urbanista austríaco, cuja obra Der Stadtebau, editada em 1889, foi traduzida para o inglês com o título de The art of building cities (New York, 1945). Nele se tenta demonstrar que C. Sitte, cuja trajetória profissional foi marcada pela preocupação com a qualidade dos espaços urbanos, pode ser considerado como o precursor das escolas de análise da percepção, que se desenvolveram nas últimas décadas.